

RICARDO FAGUNDES SANGIOVANNI

VITOR BITENCOURT ROCHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

**Bolívia: mídia, política e sociedade.
Roteiro para um web-documentário**

**Memória do Projeto Experimental
de conclusão do curso de Comunicação
Social, com habilitação em Jornalismo, na
Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal da Bahia.**

Orientador: Prof. José Francisco Serafim

Salvador, junho de 2007

RESUMO

O projeto de natureza experimental intitulado *Bolívia: mídia, política e sociedade*. *Roteiro para um web-documentário* apresenta a descrição do planejamento que deve servir como guia para a realização de um web-documentário a ser realizado na Bolívia. O roteiro congrega as linguagens fílmicas e de web em um produto híbrido e traça todos os caminhos necessários para se demonstrar a efervescência social no país, protagonizada pelas representações criadas pela grande mídia em relação à disputa entre o governo Evo Morales, apoiado pelas classes populares, e as classes sociais abastadas que lhe fazem oposição.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	4
2. CARACTERIZAÇÃO DE WEB-DOCUMENTÁRIO.....	7
Características do documentário.....	8
Características da web	10
3. POLÍTICA NA BOLÍVIA.....	14
História de dominação.....	15
Evo Morales.....	17
Disputa.....	19
4. POSIÇÕES DA MÍDIA	21
5. ROTEIRO PARA WEB-DOCUMENTÁRIO	28
Roteiro para documentário	28
Etapas narrativas.....	31
Pautas jornalísticas	33
6. CONCLUSÃO.....	35
7. REFERÊNCIAS	37
Bibliografia Citada	37
Bibliografia Consultada.....	38
Referencias Multimídia	40

1. APRESENTAÇÃO

Ao tomar café da manhã e ver no programa televisivo *Bom dia Brasil*¹ o comentário de Miriam Leitão classificando a ascensão política do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, como a “consolidação de um caudilho populista”; ou, ao abrir a revista *IstoÉ* e esbarrar com o adjetivo “burlesco” em referência ao presidente da Bolívia, Evo Morales; sempre refletimos sobre que tipo de imagem representativa os grandes organismos midiáticos pretendem criar dos líderes políticos, transformados em personagens. Chávez e Morales se articulam em uma nova filosofia de fazer política e de governar, apoiados pelos setores populares da sociedade e enfrentam a clara oposição da grande mídia empresarial e de setores sociais privilegiados.

A partir de tal constatação, resolvemos sair da simples observação rarefeita e nos debruçar sobre como se estabelecem as relações sociais por trás das representações midiáticas dos governos da nova esquerda na América Latina; e abordar o caso específico da Bolívia, para dar conta, de maneira geral, de questões presentes no subcontinente e demonstrar que, muito além de posições políticas, os sujeitos sociais abordados se orientam de acordo com a classe social a que pertencem.

Escolhemos o caso boliviano porque Chávez já tem manchetes e mais manchetes, e já se tornou uma figura emblemática consolidada no cenário das representações. Evo Morales ainda não. Talvez por ser a Bolívia um país pobre e pouco importante na configuração politico-econômica latino-americana, ele ainda não foi retratado em tantas páginas de jornais. Mas a Bolívia é um país onde os ânimos políticos se encontram acirrados e que passa por profundas transformações.

É um país marcado por uma enorme desigualdade social, que se traduz, por um lado, numa polarização marcada por um sectarismo que remonta a uma história de divisão étnica, para além de econômica; e, por outro, numa forte e acirrada polarização política: o governo – comandado pela primeira vez por um presidente indígena – e a oposição estão em franco enfrentamento em torno das últimas ações da Assembléia Nacional Constituinte para a elaboração da nova Constituição.

A imprensa local, a exemplo do que ocorre no âmbito internacional, acompanha tal polarização: é possível observar uma clara tendenciosidade de opinião oposicionista ao governo, tomada a partir dos interesses classistas dos donos dos

¹ O jornal *Bom Dia Brasil* é o matutino da TV Globo.

grandes veículos de comunicação empresariais. Muitos já observam um ambiente de campanha anti-Evo.

Conhecer de perto e disponibilizar uma versão aproximada de tal cenário é o nosso objetivo no web-documentário a ser desenvolvido a partir do roteiro elaborado como trabalho experimental de conclusão de curso ao qual este memorial se refere. Temos o interesse jornalístico em ir a campo para colher e produzir material de alto grau de independência e amplo interesse público. Tomando por base tal problema, escolhemos fazê-lo através do formato web-documentário, que engloba o vídeo documentário e reportagens em texto, vídeo, ensaios fotográficos e podcast, tudo conformado em um website. A aposta é que a soma do grande apelo do formato fílmico junto ao grande público e as possibilidades de diversificação e disposição do conteúdo, produção, inovação, propagação e livre acesso possibilitadas pela internet nos dêem a oportunidade de realizar um produto independente, com visibilidade pública assegurada.

É um projeto sem dúvida arrojado, resultado da convergência de antigos interesses, de nossa parte, por questões ligadas ao posicionamento da imprensa em relação às questões políticas e sociais, mas também do desejo por trabalhar com o vídeo enquanto suporte, aliado à experiência do trabalho com a web. Arrojado mas não o primeiro: recentemente, durante o primeiro semestre de 2006, idealizamos, projetamos, divulgamos e realizamos o projeto “Na Estrada da Copa”, um site que foi ao ar no período da Copa da Alemanha e nos possibilitou acumular grande experiência de viagem, trabalho em condições relativamente desfavoráveis, contato com o formato web, agregando texto, fotografia, áudio e vídeo. Todo o trabalho foi realizado in loco, na Alemanha enfeitada para a Copa, em Julho de 2006, a bordo de um motor-home que percorreu 6.500 km, que cumpriu a dupla função de casa e redação itinerante. Ao todo, foram mais de 100 artigos publicados, além de vasto material fotográfico, em podcast e vídeo².

Atualmente, tendo já em vista a realização do atual projeto, criamos e mantemos no ar o blog Memorioso Online (<http://memoriosoonline.blogspot.com>), onde tem sido publicado comentários – em boa medida de nossa própria autoria – e clipagem de notícias acerca de política e cultura latino-americanas.

Tais ações nos dão formação técnica e crítica suficientes para alçar vôos mais altos. Neste memorial, problematizamos e desenvolvemos o arcabouço teóricos para a

² Devido a problemas administrativos no servidor que fornece o endereço eletrônico, o site atualmente encontra-se fora do ar.

realização do roteiro do web-documentário, sem, no entanto, a pretensão de nos aprofundarmos numa discussão conceitual detalhada, que dê conta de todos os pontos discutidos.

Desta forma, estruturamos este memorial em cinco partes, para além desta apresentação. A primeira delas discorre sobre as caracterizações do formato web-documentário enquanto um produto híbrido, resultado da convergência de duas linguagens principais. São elas: a linguagem fílmica – em seu ordenamento linear de começo, meio e fim –, e a disposição textual própria da web, multimídia e sem definição prévia, formatada de acordo com as escolhas do usuário.

A segunda parte contextualiza a situação atual da Bolívia, resultado da luta dos setores mais populares, nomeadamente os cocaleros e trabalhadores das minas, todos eles com marcada herança de etnias indígenas. Faz um breve levantamento da história recente, posicionando o governo Morales num momento de amplas disputas políticas.

A posição da grande mídia boliviana é discutida na terceira parte, onde discorreremos em torno das representações que os principais veículos de comunicação pretendem criar sobre o presidente Evo Morales e os movimentos sociais que o apoiam. Na quarta parte deste memorial, apresentamos os modelos metodológicos que nos nortearam na confecção do projeto experimental do roteiro de web-documentário. Por fim, apresentamos uma conclusão onde pretendemos sugerir quais as possibilidades de uso de tal formato e quais efeitos podem criar.

2. CARACTERIZAÇÃO DE WEB-DOCUMENTÁRIO

A idéia inicial do projeto era elaborar um roteiro para a realização de um filme documentário nos seus moldes tradicionais. No entanto, apesar de contarmos com o barateamento dos equipamentos de captação de áudio e vídeo digitais e com a conseqüente diminuição dos custos de uma produção independente, encontraríamos outro problema comum ao audiovisual: a distribuição.

Não queríamos fazer um filme para ocupar apenas um espaço nos valiosos arquivos da universidade e só ser visto pelas pessoas envolvidas ou ligadas de alguma maneira à produção. Por não contarmos com uma estrutura comercial profissional, a negociação para uma veiculação em salas de cinema ou canais televisivos foi logo descartada, eliminando esta possibilidade de financiamento.

Foi na busca de uma saída para a problemática da distribuição do produto audiovisual que decidimos migrar para o formato de web-documentário. O preço da veiculação de um site na internet é baixo e o meio ainda oferece aos produtos a possibilidade de acesso em qualquer parte do mundo. Encontramos na web a potencialidade de sermos “assistidos”.

No entanto, não poderíamos nos limitar às exclusivas exibições no *You Tube*, *Google Vídeos* ou sites semelhantes de carregamento de vídeos. Estaríamos utilizando a web apenas como meio propagador e distribuidor de um filme digitalizado. Resolveríamos um problema, mas desperdiçaríamos as vantagens oferecidas pela Rede Mundial de Computadores. Então, resolvemos arriscar num campo ainda experimental: a convergência do formato vídeo – com sua lógica de linguagem linear – com o formato web e sua linguagem fragmentada. A pretensão é criar um produto híbrido, sem o destaque ou predominância de um modelo em relação ao outro.

O documentário conta com uma formatação linear onde o início, o meio e o fim estão bem delimitados. Parece banalidade dizer que não faz sentido algum começar a assistir um filme do final e depois retornar às primeiras cenas. No entanto, tal fragmentação aparece como característica essencial da internet, onde a leitura se dá de modo diferente, através de uma linguagem hipertextual, com a infinidade de links possíveis, executados através de um simples clique. Cada “texto” terá, portanto, seu percurso construído pelas escolhas do usuário. Deste modo, torna-se importante ressaltar a intenção do presente projeto em problematizar tais questões teóricas e

demonstrar uso consciente do formato web-documentário, sem, no entanto, se aprofundar numa discussão conceitual.

Características do documentário

Neste trabalho, contamos uma história: a da luta política entre os mineiros e cocaleros indígenas, em oposição à burguesia, na disputa do poder na Bolívia; e como esta disputa é representada pela grande mídia local. Para contarmos uma história, nada melhor do que recorrer ao dramático, inserido numa narrativa audiovisual. Por isso, o uso fundamental do documentário, nos dando a capacidade de tratamento criativo da realidade.

O documentário nos servirá como meio para narrar os fatos, pois os filmes, com seu poder estilístico e retórico, abrigam capacidades substanciais para influenciar as cabeças e os corações dos espectadores, ativando a percepção estética e a consciência social de quem vê. Por isso o filme é o carro-chefe de nossa produção, uma espécie de cartão de visita, de guia, pois ele funciona para criar o interesse e sensibilizar o público para a abordagem do tema.

Partindo das considerações de Bill Nichols sobre o gênero, consideramos o documentário como meio de convencimento, persuasão e como ferramenta de expressão capaz de comover e convencer o público para determinado ponto de vista. “Grande parte do poder do documentário (...) está em sua capacidade de unir prova e emoção na seleção e no arranjo de som e imagens” (NICHOLS, 2001:89).

A capacidade de verossimilhança, com a utilização do ético para angariar credibilidade; a capacidade de comover, lançando mão da emoção para colocar o público na disposição de ânimo correta ou que estabeleça um estado de espírito favorável a um determinado ponto de vista; e o poder de convencimento, usando o raciocínio ou demonstração real ou aparente para comprovar ou dar a impressão de comprovar a questão (NICHOLS, 2001), formam as bases para transformar o documentário no nosso ponto de partida ao tema do web-documentário como produto final.

A partir do formato audiovisual disponibilizado na internet e sua conjugação com o desdobrar dos assuntos em outros formatos presentes no web-documentário, poderemos unificar as capacidades fílmicas estilísticas com as capacidades de

aprofundamento informativo disponíveis em textos, fotos e gráficos. A informação tende a ser melhor ‘digerida’ depois de uma carga dramática do documentário assistido. Os formatos se misturam e o documentário sofre a influência da hipertextualidade, multimídia, interatividade e memória (PALÁCIOS, 2003) do ambiente web; assim como o ambiente web considera a utilização de recursos de linguagem tradicionais do documentário, como narrativa e linguagem cinematográfica.

Um paralelo interessante pode ser traçado com os extras disponibilizados nas versões de filmes em DVDs. Na maioria dos casos, são oferecidas entrevistas com diretor e atores principais, *making off*, textos com dados históricos e de localização da obra em determinada escola cinematográfica. No entanto, os DVDs acabam por disponibilizar conteúdos complementares, totalmente independentes da linguagem fílmica. Quando partimos para a abordagem do web-documentário, o que seria num DVD conteúdo complementar ganha *status* e, conseqüentemente, se insere numa linguagem, passando a compor um produto, como um todo. A formatação do produto final é ancorada, portanto, na confluência do documentário com os formatos texto, fotos, áudio e gráficos, todos dispostos em apenas um web site.

Aqui podemos prever uma variação considerável da ação do público perante a obra. Em alguns momentos, certamente o telespectador irá se comportar como numa sala de cinema, fruindo na linguagem cinematográfica. No entanto, em outros, será demandado dele a escolha pela formatação do “texto”, na medida que deve interagir com a obra para decidir pelo conteúdo subsequente, disponíveis em reportagens escritas, ensaios fotográficos, gráficos e até pequenos vídeos.

Quando o assunto é documentário, buscamos referências as mais variadas. Vamos à União Soviética dos anos 20 para resgatar o estilo de Dziga Vertov e seu cine-olho. Vamos ao Chile dos anos 70 para trazer Patricio Guzmán e seu documentário engajado. No Brasil aludimos a Eduardo Coutinho, com seu *cine-palavra*. Nos motivamos a produzir com o exemplo de rara independência e veia militante do argentino Carlos Prinzato, com diversos trabalhos sobre diferentes movimentos sociais. Isso para falar apenas de alguns.

Vertov flagrou a vida ao natural e a montou de maneira a evidenciar um surgimento de uma nova lógica de vida. Tal movimento deu encanto e diminuiu a sisudez da arte militante na revolução. Deu ares artísticos à propaganda soviética e por isso foi perseguido pelo movimento stalinista. Guzmán se engajou na representação da realidade chilena e filmou os movimentos do último ano do governo Salvador Allende e

as manobras das forças armadas que levaram ao golpe de Estado. Coutinho usa com profundidade a pesquisa para filmar seu ponto de vista. Pronzato agrega principalmente a documentação das manifestações sociais como forma de militar na área e lutar pelos direitos dos menos favorecidos.

Tais exemplos nos apontam o documentário como instrumento político, capaz de apresentar e construir argumentos sobre o mundo. “Vemos o que está lá, diante da câmera; deve ser verdade” (NICHOLS, 2001). Vemos, pelas lentes das câmeras, o que poderíamos ver com nossos próprios olhos. Reconhecemos aquelas pessoas, lugares e coisas como partes da realidade.

Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera compele-nos a acreditar que a imagem seja a própria realidade representada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade (Idem, p.28)

Temos a expressão de nosso olhar sobre a temática, pois “a verdade só se materializa quando dita ou retratada por alguém”, como reflete Brian Winston no artigo “A tradição do ‘jornalístico’ na era digital” (WINSTON, 2005), publicado em **O Cinema do Real**³. Desta maneira, utilizamos o documentário como meio de tratamento criativo da realidade, capacidade que o diferencia de outros formatos. Com tudo isso em consonância com a capacidade informativa das reportagens escritas, gráficos e ensaios fotográficos, temos todos os elementos disponíveis para representar a efervescência política boliviana, as manifestações dos indígenas e trabalhadores em favor do presidente Evo Morales e o posicionamento dos grandes veículos de comunicação e da burguesia.

Características da web

O documentário enquanto formato impõe, grosso modo, certas regras para o aproveitamento do material bruto colhido em campo. No processo de edição, é muito comum que se perca boa parte desse material, por motivos diversos, sobretudo em prol

³ Coletânea de debates realizados durante o *É Tudo Verdade*, festival internacional de documentários, que acontece no Rio de Janeiro e São Paulo.

de atingir ritmo e duração suficientemente “agradáveis” aos padrões da audiência – e, a contrabando, de sucesso e viabilidade mercadológicos.

David Macdougall, no artigo “When Less is Less” (MACDOUGALL, 1999), aborda este tópico e traz ricas reflexões. Nos chama atenção, para este projeto, a necessidade de atender a certa *economia de significação*, o que implica no descarte deliberado de parte do material bruto em benefício de uma edição final mais concisa e reconhecível pelos hábitos perceptivos da audiência.

Quando se pensa num produto que se propõe a atingir o público médio, deve-se pensar num padrão médio de audiência e, em última instância, nas condições socio-culturais da relação com o formato audiovisual. Deste modo, recaímos nos padrões do entretenimento televisivo, tanto os da ficção quanto os jornalísticos. Macdougall atenta para tais padrões e é enfático quando fala numa necessidade de se considerar os padrões da recepção para realizar um filme: “(...) há certos hábitos no modo de assistir a um filme que influenciam fortemente a audiência a adotar certas expectativas culturais. Se a descrição resultante é de alguma maneira reconhecível, o é porque se aplica a certo grupo de convenções do fazer e do assistir a filmes”. (Idem:293-295)

O ponto de partida da discussão de Macdougall, neste artigo, é o uso da tomada longa no documentário. A preocupação inicial parece ser a questão do ritmo, de como otimizar o uso do material bruto de modo a obter um filme que atenda aos padrões da recepção, sem, com isto, sacrificar demais a riqueza discursiva e descritiva de tal material.

A discussão, portanto, logo se desloca para um âmbito maior, de uma espécie de *economia da significação*. A busca por um aproveitamento, o mais funcional possível, do material bruto no processo de edição implica num inevitável descarte de partes que enriqueceriam discussões pontuais ao longo do filme – mas que lhe quebrariam o ritmo narrativo. Macdougall nos apresenta o problema que nos faz trazer o formato web a este projeto quando nos diz que

Durante o processo de edição, há uma constante tensão entre manter o ímpeto de progresso do filme e fornecer informação contextual suficiente para que a narrativa ou o argumento continuem a fazer sentido. À medida em que o filme vai ficando mais curto, a análise fica mais crua. Os realizadores frequentemente sacrificam sequências que eles sabem que poderiam permitir um entendimento mais complexo do objeto mas que, por razões de duração, o filme não pode comportar.. (Idem:299)⁴

⁴ Versão original: “Throughout the editing process there is a constant tension between maintaining the forward impetus of the film and providing enough contextual information so that the central narrative or

No nosso caso específico, como lidar com o problema do excesso de material significativo, uma vez que nos interessa explorar ao máximo o potencial jornalístico do material bruto?

Acreditamos ser possível contornar tal questão utilizando os recursos do jornalismo digital. Marcos Palácios, no artigo “Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória”, descreve seis características principais deste tipo de jornalismo: Multimídia/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização, Memória e Instantaneidade do Acesso (PALACIOS, 2003). O autor conceitua brevemente cada um dos termos, discutindo seu uso nos meios de comunicação online.

Vale destacar, para já, dois dentre estes paradigmas – apesar de todos aparecerem na proposta de um web-documentário, uns em maior, outros em menor medida –, e contextualizar seu uso em nosso trabalho. Seriam eles *Multimídia/Convergência*, *Hipertextualidade* e *Personalização*. Cabe, então, uma breve descrição de cada um:

Multimídia/Convergência – No contexto do Jornalismo On line, multimídia refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade.

Hipertextualidade – Possibilita a interconexão de textos através de links (hiperligações). Canavilhas e Bardeol & Deuze chamam a atenção para a possibilidade de, a partir do texto noticioso, apontar-se (através de links) para “várias pirâmides invertidas da notícia”, bem como para outros textos complementares (fotos, sons, vídeos, animações, etc), outros sites relacionados ao assunto, material de arquivo dos jornais, textos jornalísticos ou não que possam gerar polêmica em torno do assunto noticiado, publicidade, etc. (PALACIOS, 2003:3-4)

Cada uma das definições permite explorar o material captado para a realização do vídeo de modo a obter, para além de um filme-documentário, um painel composto pelo que de melhor for registrado na fase de filmagem e apuração jornalística dos fatos. A idéia do web-documentário surge justamente da necessidade de aproveitar ao máximo as informações acumuladas durante o processo de produção, uma vez que, ainda que

argument continues to make sense. As the film becomes shorter, the analysis becomes cruder. Film-makers continually sacrifice footage which they know would permit a more complex understanding of the subject but which, for reasons of length, the film cannot afford.”

não sirvam para compor a narrativa central do vídeo-documentário, não deixam de ter grande valor jornalístico.

Através da multimídia, poderemos agregar ao produto final – que, embora capitaneado por um vídeo, será um web-documentário – registros relacionados ao problema central abordado em diversos formatos, oferecendo ao espectador/usuário uma compreensão não somente através da narrativa – que estará presente no vídeo central do site – mas também através de suportes complementares, o que, a nosso ver, potencializam o alcance e a precisão das informações sobre o assunto.

A hipertextualidade apresenta-se, então, como uma espécie de caminho através do qual se atingirá tais informações; é justamente a rede de links sugerida pelo produto e executada pelo usuário que permitirá o acesso analítico e parcimonioso às “pistas” e mesmo às lacunas deixadas pela narrativa do vídeo central. Da nossa parte, nos permitirá disponibilizar toda a informação conseguida durante a pesquisa de campo, montada numa pequena rede.

Sabendo da relevância do tema sobre o qual nos debruçamos – especialmente sua importância política e histórica no contexto latino-americano –, nos importa garantir o maior público possível para o nosso produto. Acreditamos poder, através das características do jornalismo na web, potencializar o alcance final.

Por fim, uma barreira que a internet torna mais fácil transpor é precisamente a que diz respeito à distribuição do produto, dando maior possibilidade dele atingir significativa visibilidade pública. A livre divulgação do site na internet, contendo o vídeo documentário, as reportagens, artigos, ensaios fotográficos e gráficos, como listado e planejados no roteiro anexo deste memorial, nos permitirá vencer a tradicional barreira de distribuição normalmente enfrentada – e poucas vezes superada – pela maioria dos filmes produzidos no país.

3. POLÍTICA NA BOLÍVIA

A reeleição de Hugo Chávez Frias, na Venezuela, consolidou, em 2006, uma primeira fase da franca ascensão da esquerda na América Latina ocorrida nos últimos anos. A expressiva marca eleitoral obtida pelo presidente (cerca de 60% dos votos) parece fechar um primeiro ciclo de recrudescimento de uma tendência neo-socialista no continente, em resposta às políticas de cunho abertamente neoliberal implementadas nas décadas de 1980 e – mais fortemente – na década de 1990.

Passa-se de uma primeira fase, iniciada com a primeira eleição de Hugo Chávez, em 1998 – cuja influência, direta ou indireta, espalhou-se por Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, Bolívia, Nicarágua e Equador, que desde então elegeram presidentes esquerdistas –, em que a esquerda se preocupou em alcançar o poder pela via democrática e mantê-lo institucionalmente; a uma segunda, em que a preocupação passa a ser levar adiante – e ainda mais à esquerda – projetos de viés socialista, tanto no campo político quanto no sócio-econômico, fomentando um progressivo alcance de metas de distribuição de renda e oportunidades – a tão propalada igualdade social. O desafio, reforçada a “blindagem” da esquerda latina, é a elaboração de projetos mais substanciais e bem definidos enquanto alternativas reais à política e sobretudo economia neoliberais: é hora da esquerda tratar de operacionalizar seu discurso e mostrar, de fato, a que veio. Esta segunda fase é protagonizada, até então, por Bolívia, Equador e Venezuela.

Foi a partir dessa constatação geral a respeito da América Latina que traçamos o caminho percorrido até resolvermos tratar do caso específico da Bolívia, num claro processo de afunilamento. A eleição de líderes de esquerda nos deu fôlego de enveredar por uma temática dentro da comunicação e política, onde Hugo Chávez se apresenta como a grande coqueluche: livros, editoriais, filmes, programas inteiros nos mais variados veículos de comunicação são dedicados aos rumos estabelecidos pelo presidente venezuelano. E nós também começamos por ele. Foi importante conhecer o panorama atual da Venezuela para perceber que o nosso caminho deveria estar em terras mais ao sul do continente.

É também importante pontuar nossa escolha como uma decisão política. O brasileiro tem, em geral, olhar pouco voltado para os vizinhos sul-americanos: o olhar majoritário é para uma outra América, no norte, ou para outro lado do Atlântico, para a

Europa. A língua portuguesa não pode nos deixar ilhados. O momento pede reavaliação da postura. A América Latina passa por um processo de mudança latente e fundamental para definir seu futuro como hemisfério independente e forte, tanto política quanto economicamente. O Brasil e nós, brasileiros, devemos nos inteirar para reforçar o sentimento de povo latino-americano.

História de dominação

A Bolívia foi concebida como um Estado tampão entre as potências da Grande Colômbia e a Argentina, no início do século XIX, e faz fronteira com Brasil, Paraguai, Argentina, Chile e Peru. Conta com uma população de 9,2 milhões de habitantes, com maioria (64%) espalhada em zona urbana, falante de três línguas oficiais (espanhol, quíchua e aimará). O país é marcado por um dos maiores índices de desigualdade social do mundo e ocupa a vergonhosa 113ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no planeta. O sistema político é o presidencialismo, contando com duas casas legislativas (a Câmara dos Deputados e o Senado)⁵, apesar de passar por um processo de reformulação da república, com projeto de suprimir o legislativo para apenas uma casa.

Dentre os países que buscam implementar hoje políticas de esquerda, a Bolívia apresenta um quadro particular. A eleição de Evo Morales para a presidência, em dezembro de 2005, além de representar o momento de efervescência político-social muito forte – seguindo a tendência no continente –, clarifica uma disputa étnico-cultural singular: pela primeira vez, em 182 anos de fundação da república, um indígena ascende ao cargo máximo no país, para representar a maior fatia da população. Na Bolívia, 62% dos maiores de quinze anos de idade se auto-declaram pertencentes a alguma etnia indígena. Dentre as 38 etnias presentes no país, os quíchuas representam 30% da população total, enquanto os aimarás chegam a 25%. Apesar disso, até 1952, quando ocorreu uma Revolução Nacional no país, feita por grupos operários, os índios tinham cerceado o direito de voto (LINERA, 2005).

Muito além do fortalecimento da esquerda na política boliviana, a eleição de Evo Morales possibilita o ineditismo de elevar uma representação dos grupos populares historicamente marginalizados no país ao centro do poder político. Os movimentos

⁵ Dados fornecidos pela Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe.

indígena-populares alcançaram o poder através da mobilização organizada em federações sociais e desbancaram as forças neoliberais hegemônicas nos últimos vinte anos para implementar uma nova hegemonia. Certamente é uma nova configuração político-cultural que se inaugura no país, bem definida por Pablo Stefanoni, no artigo “El nacionalismo indígena en el poder”:

Sem dúvida, diferentemente das experiências anteriores, este novo nacionalismo plebeu não é articulado pelas Forças Armadas nem pelas classes médias urbanas, senão pelas massas indígena-mestiças que recuperaram parcialmente as reivindicações próprias do velho nacionalismo boliviano (luta entre a nação e a anti-nação, anti-imperialismo e demanda de nacionalização da economia e do Estado), mas incorporou um novo componente étnico-cultural e de auto-representação social na construção de uma identidade coletiva popular atravessada por múltiplas identificações sindical-corporativas. (STEFANONI, 2006:2)⁶

Esse novo componente étnico-cultural é o responsável por fazer valer o contexto particular na Bolívia da construção do poder desde baixo e revelar o surgimento de um neo-socialismo, ou de uma “nova esquerda”, para usar uma expressão já gasta nas discussões das ciências sociais. Tal movimento ganha força em todo o continente e é assim definido pelo professor Nildo Ouriques, coordenador do Observatório Latino Americano da Universidade Federal de Santa Catarina, em entrevista à revista *Caros Amigos*:

O espectro político sul-americano se moveu, principalmente, nas três direções que mencionei: anti-imperialismo, aprofundamento do nacionalismo e redefinição do estado latino-americano, superação de democracia representativa e afirmação da democracia participativa. É isso que está incomodando a elite. É plebiscito, referendo; não é estatização. É o aumento do controle estatal sobre a riqueza pública e a democratização do Estado, coisa que não temos no Brasil. (OURIQUES, 2007)

Ouriques esclarece que essa esquerda perdeu a vergonha de se intitular nacionalista e manifesta sua participação política organizada em movimentos sociais, produtos da modernização do capitalismo periférico. Na Bolívia, os movimentos sociais se organizam principalmente em torno da Federação de Junta de Vizinhos de El Alto

⁶ Versão original: “Sin embargo, a diferencia de las experiencias anteriores, este nuevo nacionalismo plebeyo no es articulado por las Fuerzas Armadas ni por las clases medias urbanas, sino por las masas indígena-mestizas que han recuperado parcialmente los clivajes propios del viejo nacionalismo boliviano (lucha entre la nación y la anti-nación, anti-imperialismo y demanda de nacionalización de la economía y del Estado), pero incorporando un novedoso componente étnico-cultural y de auto-representación social en la construcción de una identidad colectiva popular atravesada por múltiples identificaciones sindical-corporativas”.

(Fejuve), Confederação Indígena do Oriente Boliviano (CIDOB), Confederação Sindical Única de Trabalhadores Camponeses da Bolívia (CSUTCB) e a Federação de produtores de folha de coca dos Yungas e Chapare. Eles dão forma ao novo contexto de estrutura popular no país e montam o esquadro das forças sociais. É verdade que divergem bastante nas suas reivindicações e nos métodos de mobilização, mas possibilitaram a formação de uma voz ativa das camadas populares perante as decisões do Estado.

Evo Morales

Juan Evo Morales Ayma nasceu em 26 de Outubro de 1959 numa comunidade indígena aimará de Orinoca, província (estado) de Oruro. Filho de camponeses, Morales se muda com a família ao Chapare, região mais tropical, e se instala na província de Cochabamba. É lá onde se estabelece como dirigente sindical dos camponeses da folha de coca, primeiro como secretário dos esportes, depois como diretor geral. A partir daí, cresce na carreira sindical, assumindo postos de comando em federações e associações de trabalhadores cada vez mais importantes e representativas.

Os movimentos sociais do Chapare se fortalecem como instrumento de defesa e de reação às medidas contrárias ao cultivo da folha de coca, promovidas pelos governos neoliberais do país, em consonância com os interesses dos Estados Unidos no contexto da “guerra contra as drogas”⁷. Daí começa a se configurar um importante viés ideológico das organizações populares, além da luta pelos interesses dos grupos indígenas-camponeses. Um forte sentimento anti-imperialista paira nos movimentos sociais e torna-se o principal elo entre essa nova forma de organização e os militantes da antiga esquerda nacional, nem tão preocupados com as reivindicações indígenas. Na figura aglutinadora e simpática de Morales está sintetizada a consonância das duas vertentes e a capacidade de promover aproximações com outras forças de esquerda. Álvaro García Linera explica o porquê desse fenômeno no seu verbete sobre Evo Morales, na **Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe**:

Nos anos 1980 e 1990, na medida em que o movimento operário se enfraquecia, a região do Chapare transformava-se na região de maior presença militar e de maior intervenção norte-americana, cujo objetivo era erradicar a

⁷ Empreendimento do governo dos Estados Unidos da América para tentar erradicar o comércio das drogas que chegam ao seu território.

produção da folha de coca. Os sindicatos dos produtores camponeses uniram-se e, durante dez anos, foram o movimento social mais assediado e mais ativo. Nesse cenário, a presença de Morales foi importante por sua capacidade de criar consenso entre os sindicatos, por sua intransigente defesa dos interesses das comunidade agredidas e por seus esforços para fazer alianças como setores sociais urbanos e de outras regiões. (LINERA, 2005:809)

Em 1995, para participar das eleições municipais, Evo Morales, juntamente com outros líderes sindicais e populares, resolve aglutinar a força dos trabalhadores do campo no Instrumento Político para a Soberania dos Povos (IPSP), o embrião do partido Movimento ao Socialismo (MAS). A organização partidária foi o caminho encontrado para transpor às urnas a luta pela conquista dos cargos elegíveis no poder público. Em 1997, Morales concorreu à uma cadeira na Câmara Federal e alcançou o maior percentual de votos do país. Da Câmara, reforçou suas bases para em 2002 ser candidato à presidência, pelo MAS, tendo ficado em segundo lugar. O presidencialismo na Bolívia prevê o sufrágio universal no primeiro turno das eleições, mas, se o primeiro colocado não atingir mais de 50% dos votos, a Câmara Federal é quem decide entre os dois candidatos mais votados. A casa legislativa optou por Sánchez de Losada, presidente com ideais neoliberais empossado em janeiro de 2003.

A turbulência política no país, gerada por uma greve nacional e pela insurreição dos movimentos sociais contra a venda do gás boliviano aos Estados Unidos, levou o presidente Sánchez de Losada a renunciar em outubro do mesmo ano. Carlos Mesa assumiu o seu lugar e tentou negociar com os insurgentes desarmados. Mas as cobranças dos movimentos sociais para a nacionalização dos hidrocarbonetos e para a convocação de uma assembleia nacional constituinte aumentaram e, em junho de 2005, Mesa se tornou o segundo presidente a renunciar no curto espaço de dois anos.

Nas eleições convocadas para dezembro de 2005, Evo Morales conquistou uma vitória expressiva, com 54% dos votos, e tornou-se o primeiro presidente indígena a ascender ao cargo máximo de um país no continente sul-americano. Ele assume publicamente o estabelecimento no seu governo da filosofia zapatista do poder obediente, onde o representante manda obedecendo, e, com isso, deixa claro ser não só uma representação da etnia indígena-popular, mas também um chefe de Estado disposto a fazer cumprir as promessas alinhadas aos movimentos sociais que o apoiam e o levaram à presidência.

A liderança de Morales se estabelece no âmbito do partido Movimento ao Socialismo (MAS), uma espécie de prolongação eleitoral das ações dos movimentos

sociais (LINERA, 2005). É a forma constitucional e democrática de transformar as lutas e manifestações populares de rua, além das reivindicações dos grupos organizados, em lastro político eleitoral, se configurando como partido político – instrumento capaz de viabilizar a luta legítima pelo poder. Como bem define Linera, desta vez no verbete sobre o MAS na mesma enciclopédia latino-americana, “o Movimento ao Socialismo, mais do que um partido político, é uma confederação flexível e negociada de movimentos sociais rurais e urbanos que se unificaram eleitoralmente para disputar o controle do poder estatal”. (LINERA, 2005:751)

Apesar disso, o partido também conta com a gestação de uma segunda linhagem, ou estrutura organizativa, que existe concomitantemente ao formato de obediência sindical-comunitária. A organização de uma estrutura partidária levou a formação de quadros políticos desenvolvidos no berço institucional do partido e, portanto, sem uma subordinação à estrutura dos movimentos sociais. Isso, aliás, tem gerado alguma tensão interna, expressa em disputas na Câmara Federal.

Além de penetração social, o partido já é uma das principais forças eleitorais no país, tendo eleito o presidente, a maioria dos deputados, quase metade do Senado e dois governadores de província.

Disputa

Tal contexto demonstra um fortalecimento dos setores historicamente oprimidos frente às classes econômicas dominantes – formada, principalmente, por grandes fazendeiros e empresários do ramo da mineração –, desaguando num processo duro de disputa no sentido de fortalecer a democracia. Os espaços são conquistados por meio de muita luta e a reação conservadora tem resultado em enfrentamentos não só ideológicos entre os representantes políticos, mas numa efervescência social que tem tomado as ruas e causado verdadeiros combates campais nas cidades mais importantes do país. Cochabamba, por exemplo, tem sido palco de rivalidade e quando as manifestações dos grupos indígenas se encontram com manifestações dos grupos conservadores – representados principalmente pela *Union Juvenil Cruceñista*, grupo de choque do organismo Centro Cívico de Santa Cruz, formado pela burguesia –, o resultado tem sido derramamento de sangue. Em 11 de Janeiro, por exemplo, as duas tendências

ideológicas tomaram as ruas para se manifestar a respeito da autonomia política do estado de Cochabamba e o encontro das duas marchas resultou em duas mortes.

Os setores conservadores se mobilizam a favor da autonomia política das províncias, mobilizados pelos governadores de Cochabamba e Santa Cruz, de vertente direita. Dois referendos já foram realizados nesse sentido e a maioria da população votou contra a autonomia das províncias, o que revoltou as organizações de direita. Eles se manifestam também contra as definições da Assembleia Nacional Constituinte, formada para reformular os direitos dos povos indígenas e incluir todos como cidadãos comuns na nova Carta Magna a ser votada. Os partidos de direita travam a discussão e emperram o desejo de Evo Morales e de seu partido, o MAS, de refundar a república.

É exatamente esse clima tenso da disputa política-cultural o nosso ponto básico de discussão no web-documentário. Fazemos um panorama desse espectro social através do nosso olhar e através do olhar que a grande mídia dá aos dois lados da disputa. Nos interessa sobremaneira identificar e mostrar quais são as estratégias de representação utilizadas pelos grandes veículos de comunicação sobre a disputa e qual o posicionamento que eles tomam.

4. POSIÇÕES DA MÍDIA

Dentre os países que buscam implementar hoje políticas de esquerda na América Latina, a Bolívia apresenta um instigante cenário de transformações políticas e sociais, o qual passamos a acompanhar desde outubro de 2006. Daqui de longe, no Brasil, através tanto da imprensa boliviana quanto do noticiário internacional, nos parecem claras as nuances acerca das representações do presidente Evo Morales e seu governo feitas pelos diversos veículos e setores da mídia. Na raiz deste processo encontra-se uma polarização social transparente na sociedade boliviana (ricos x pobres, brancos x indígenas, direita x esquerda).

Quatro macro-temas têm ocupado, nos últimos meses, a agenda da imprensa boliviana, a saber: nacionalização das reservas naturais (petróleo e gás); o trabalho da Assembléia Constituinte; e as políticas do governo para mineração e reforma agrária. Em linhas gerais, a postura do governo Morales tende, nos quatro assuntos, a propugnar a centralização e a acentuada intervenção estatais na economia do país, sob a égide da redistribuição de riquezas e oportunidades e da reparação de danos históricos causados por contratos escusos e discriminação étnica. Tal comportamento, de deliberado viés anti-liberal, pode ser enquadrado (ainda que sob fortes críticas) num processo de progressiva ocupação do Estado e apropriação das riquezas do país pelos setores populares que compõem o Movimento ao Socialismo (MAS, partido do presidente) – setores estes historicamente desfavorecidos (alguns deles alijados até) do processo político boliviano.

É decorrência direta deste comportamento do governo Morales, o acirramento das representações midiáticas do presidente, do governo e dos movimentos sociais a ele ligados. Nos grandes jornais bolivianos a que se tem acesso pela internet – como *Bolpress*, *El Diálogo*, *La Razón*, *La Prensa*, *Los Tiempos* e *El Deber* –, não é difícil encontrar, sobre um mesmo assunto, pontos de vista absolutamente opostos. O fato em si não representaria motivo para maior alarme, não fosse a por vezes abissal disparidade entre as interpretações dos fatos e contextos políticos, além de suas conclusões: o que revela, para além de visões de mundo opostas, o interesse deliberado em compor diferentes “personagens” acerca dos agentes sociais envolvidos nos conflitos destacados.

Através sobretudo de jornais bolivianos supracitados, mas também através de trabalhos de análise do comportamento e tendência política da imprensa, pudemos observar que os veículos de comunicação daquele país acabam assumindo, ainda que sob a forma do discurso jornalístico, posições ideológicas bem definidas na disputa pela hegemonia local. Não seria demais dizer que cada veículo termina por entrincheirar-se no nicho social a que pertence, numa análise das ações do governo que tende a refletir interesses empresariais e confirmar posicionamentos ideológicos pré-formatados.

Além do acompanhamento do cotidiano factual boliviano, nossa observação centrou-se principalmente em textos opinativos e editoriais de tais veículos. Além disso, contamos com o trabalho de estimado valor de observação dos meios de comunicação da Agência Periodística del Mercosur (APM), sediada na Universidade Nacional de La Plata (Argentina). Neste capítulo, trazemos alguns exemplos que ilustram o tom da discussão local e, conseqüentemente, a opção feita por cada veículo.

Podemos tomar como um primeiro exemplo dois artigos, um publicado no site *Bolpress* e outro no *El Diario*. Em ambos se discute a questão da distribuição de terras e o impasse entre governo e oposição, que dividiu o Congresso e atravancou o andamento da Assembléia Constituinte no final de 2006. O prato do dia era as marchas de camponeses que se aproximavam da capital La Paz. Primeiro um trecho do artigo “Un Pueblo en Marcha”, publicado em 27 de novembro de 2006 no site *Bolpress*:

Os obstáculos que se apresentam (aos avanços do país) são cotidianos. E são de índoles diversas: alguns provêm das organizações sociais impacientes pela longa espera de atenção a suas demandas e outros são orquestrados pela direita decidida inclusive a quebrar o país, se a situação não contribuir a seus interesses. Claro que existem governos interessados em instigar este confronto, seguindo à risca o dito: a rio revolto, ganância de pescadores. Uns e outros se equivocam. Se equivocam ainda que alcançassem seus propósitos, porque ninguém ganharia em tal situação. Mas as marchas camponesas estão chegando a La Paz. Vêm do Alto Beni. Vêm do altiplano. Vêm, principalmente, do ocidente. Ninguém irá detê-las. (LEIGUE, 2006)⁸

⁸ Versão original: “Los obstáculos que se presentan son cotidianos. Los hay de diversa índole: algunos provienen de las organizaciones sociales impacientes por la larga espera de atención a sus demandas y otros son orquestados por la derecha decidida incluso a quebrar el país, si ello contribuye a sus intereses. Por supuesto que hay gobiernos interesados en azuzar esta confrontación, siguiendo a pie juntillas el dicho: a río revuelto, ganancia de pescadores.

Unos y otros se equivocan. Se equivocan aún si logran su propósito porque nadie ganaría en tal situación.

Pero las marchas campesinas están llegando a La Paz. Vienen del Alto Beni. Vienen del altiplano. Vienen, principalmente desde los llanos orientales. Es el pueblo que está mostrando su unidad. Es un pueblo decidido, por fin, a salir adelante. Nadie va a detenerlo”.

No dia seguinte, o *El Di ario* publicou o artigo, reproduzido em seu site, “Sembrando vientos para cosechar tempestades”. Eis um trecho que aborda o mesmo assunto:

Toda a o de fozra no privado e no público   inaceit vel. Tal   o caso das marchas indígenas que convergem em La Paz e que pretendem cercar o Senado para “dobrar-lhe o brao”, ou as similares ameaas para impedir a reuni o de governadores em Cochabamba. Cabe repetir que a democracia se expressa pela “concerta o”, se esta não existe, caímos na ditadura. As ditaduras personalistas ou de massas não diferem no fundo, ambas destroem a democracia e o Estado de direito. Aqui parece cumprir-se a ameaa do partido agora oficialista (o MAS, de Evo Morales) quando a partir de sua campanha preconizou que se (não) atingisse a seus fins pelo voto, o faria pela “a o direta” das massas. Supusemos que eles se moderariam com o estímulo da enorme responsabilidade de governar, mas vemos que não são se tratava de ensaios verbais, senão de sua perigosa aplica o. (Editorial El Di ario, 2006)⁹

Como se pode observar, os trechos denotam clara oposi o entre os pontos de vista de cada um dos jornais. Demonstram também – o que   mais importante para nosso trabalho – uma disputa deliberada por constru es de imagem acerca do presidente Evo Morales, de seu partido e da a o dos movimentos sociais.

De um lado, o *Bolpress* coaduna com as a es do governo, ataca a oposi o – atribuindo-lhe a pecha do “quanto pior, melhor” – e exalta a movimentaa o das massas, que considera irrefreável: ao fazê-lo, aprova e exalta o presidente Evo Morales e seu partido, sendo este formado pelos movimentos sociais, ligados a etnias indígenas, campesinos e mineiros. Do outro, o *El Di ario* adota uma posi o claramente conservadora; demonstra desaprova o em rela o   a o das massas, que chama de “violenta”, posicionando-se, a contrabando, a favor do comportamento dos senadores direitistas, que embargavam através de uma greve a vota o da nova lei de terras boliviana. Por fim, atenta para supostas pretensões “ditatoriais” de Morales e das massas, que, segundo a visão do editorial, destruiriam a democracia.

Para além de qualquer conjectura sobre a propriedade e as finalidades políticas e/ou econ micas dos dois periódicos, fica clara, a partir dos excertos e da linha editorial de cada um, a polaridade entre os dois no plano ideológico. Posi es assumidas t o

⁹ Versão original: “Toda acción de fuerza en lo privado y en lo público es inaceptable. Tal es el caso de las marchas de indígenas que convergen en La Paz y que pretenden cercar al Senado para “doblarle el brazo” o las similares amenazas para impedir la reunión de prefectos en Cochabamba. Cabe repetir que la democracia se expresa por la concertación, si está no existe caemos en la dictadura. Las dictaduras unipersonales o de masas no difieren en el fondo, ambas destruyen la democracia y el Estado de derecho. Aquí parece cumplirse la amenaza del partido ahora oficialista cuando a partir de su campaña preconizó que si lograba sus fines por el voto, lo haría por la “acción directa” de masas. Supusimos que ello se atemperar a con el estímulo de la enorme responsabilidad de gobernar, pero vemos que no sólo se trataba de ensayos verbales sino de su peligrosa aplicación”.

claramente – não só por estes dois, mas também pela maioria dos veículos que tivemos oportunidade de observar – constituem, na nossa interpretação, a superfície do embate ideológico que ocorre na Bolívia atualmente.

No entanto, além de um olhar voltado para a questão ideológica, coletamos informações para a definição de um perfil econômico da mídia na Bolívia. Tanto nossa observação nestes meses quanto o contato com trabalhos de natureza semelhante – alguns até de maior profundidade –, na área de monitoramento da mídia, nos permitem ver, no país, um cenário de comunicação social dominado por veículos empresariais de capital privado, muitos deles vinculados a grupos familiares e ligados, inclusive, a grandes conglomerados e magnatas da comunicação internacional, e/ou grandes empresas dos ramos petrolífero e agrícola.

O dossiê “La Gestión de Evo Morales en la Prensa Boliviana”, elaborado pelo Observatório de Medios da Agencia Periodística del Mercosur (APM), dá boas pistas sobre algumas destas relações.

Na atualidade (ao contrário do passado), a propriedade dos meios está concentrada em mãos privadas (85%), (...) aumentaram os investimentos de grupos familiares em outras áreas dos media e tem se consolidando impérios multimídia (...), com vínculos com a oligarquia nacional (empresas de gado, supermercados, universidades privadas e multimídias internacionais).¹⁰ (LÓPEZ, 2006:8-9)

O relatório traça um breve panorama histórico e observa o comportamento de quatro veículos de comunicação bolivianos – *La Razón* (La Paz), *La Prensa* (La Paz), *Los Tiempos* (Cochabamba) e *El Deber* (Santa Cruz) – entre 31 de outubro e 7 de Novembro de 2006, lançando mão da metodologia de Intencionalidade Editorial¹¹, com análise de dados quantitativos e qualitativos. Observa e lança luz sobre qual a linha editorial dos grandes veículos escolhidos e como eles se comportam em relação à administração do presidente Evo Morales.

Citando o jornalista César Fuentes, em um artigo publicado em outubro de 2006, na revista *El Juguete Rabioso*, o estudo informa com mais profundidade como os interesses políticos e as informações veiculadas estão alinhadas e convergem dentro da

¹⁰ Versão original: “En la actualidad, la propiedad de los medios está concentrada en manos privadas (85 por ciento), (...) han aumentado las inversiones de grupos familiares en otras áreas de los media y se han ido consolidando imperios multimedia (...), con vinculaciones a la oligarquía nacional (empresas ganaderas, supermercados, universidades privadas y multimedios internacionales)”.

¹¹ Perspectiva teórica que concebe os meios de comunicação como instrumentos culturais que operam em um plano superestrutural ou ideológico – onde cada um assume posições determinadas segundo o bloco a que pertence, seja esse hegemônico ou contra hegemônico.

lógica de seus próprios controladores. Dois dos principais opositores políticos de Morales, aponta Fuentes, são proprietários de importantes redes de televisão no país. Osvaldo “Pato” Monasterios é dono da *Unitel*, mas também um dos principais acionistas do Banco Ganadero, criador de gado de raça e fazendeiro com mais de 10 mil hectares de terra. O ex-senador Ivo Mateo Kuljis (MNR, partido da oposição) também é criador de gado e um dos principais acionistas do Banco Económico. Ele é dono da cadeia televisiva *Red Uno*, um pouco menos crítica que a *Unitel*.

Dentre os quatro diários analisados pelo estudo, três deles pertencem ao Grupo Líder (*Los Tiempos*, *La Prensa* e *El Deber*), de propriedade das tradicionais famílias Canelas (Cochabamba) e Rivero (Santa Cruz). Declaram que se uniram para se livrar de vínculos partidários, mas mantêm como sócio televisivo o presidente de direita deposto em 2005, Carlos Mesa, fundador da *Red televisiva PAT*.

A parceria Canelas-Rivero ainda possui mais cinco jornais e duas revistas em outras regiões do país, além dos 40% das ações da *PAT* e uma importante editora de livros encarregada pela distribuição dos catálogos telefônicos. O Grupo Líder tem cerca de 600 mil leitores ao todo, em cerca de 12 publicações. A conclusão do relatório a respeito do grupo é a seguinte:

Em geral, as notas relacionadas às referências temáticas já indicadas (nacionalização dos hidrocarbonetos, mineração, reforma agrária e assembléia constituinte) se tornaram agressivas, apontando contra as políticas de governo de Morales desde vários ângulos: interesse das empresas privadas, mal funcionamento das companhias adquiridas e incapacidade estatal para administrar os recursos nacionalizados, debilidade de Morales ante a “influência” dos presidentes Hugo Chávez e Fidel Castro, pouco diálogo com a oposição, relativo grau de “autoritarismo”, entre outros.¹² (LÓPEZ, 2006:40)

O outro jornal observado é o *La Razón*, de La Paz e pertencente ao holding internacional *PRISA* (Promotora de Informaciones S.A.), encabeçado por Jesús Polanco, com grande parte de capital espanhol. O grupo controla o *El País*, diário mais importante na Espanha, além do jornal esportivo *As* e o *Canal+*, assim como diversos outros meios de comunicação na Espanha e na América Latina. Na Bolívia, possui mais dois diários importantes e parte da cadeia de televisão *ABC*. Polanco é parceiro do

¹² Versão original: “En general, las notas relacionadas a las referencias temáticas ya señaladas (Nacionalización de los hidrocarburos, Minería, Reforma Agraria y Asamblea Constituyente) se tornaron agresivas, apuntando contra las políticas de gobierno de Morales desde varios ángulos: intereses de las empresas privadas, mal funcionamiento de las compañías adquiridas e incapacidad estatal para administrar los recursos nacionalizados, debilidad de Morales ante la “influencia” de los presidentes Hugo Chávez y Fidel Castro, poco diálogo con la oposición, cierto grado de “autoritarismo”, entre otros”.

magnata da comunicação na Venezuela, Gustavo Cisneros (antichavista e anticastrista) e editou livro de Carlos Mesa, presidente deposto. *La Razón* é o mais importante diário do país. “No caso do *La Razón*, o tema da nacionalização dos hidrocarbonetos, no marco dos novos contratos petroleros, adquiriu uma cobertura destacada – em detrimento às outras referências temáticas – e um claro posicionamento a favor das companhias transnacionais”.¹³ (LÓPEZ, 2006:40)

Numa análise mais geral, tomando como base as informações e os dados levantados sobre os quatro veículos de ambos grupos analisados (*Líder* e *PRISA*), as notas se dedicaram a contrastar as vozes dos distintos setores políticos. No entanto, demonstravam uma clara preferência aos ideais da oposição, num processo velado de tomada de posição, evitando o juízo de valor direto, na maioria dos casos. “Resumindo, se apropriaram das vozes da oposição para fazer as críticas à gestão de Evo Morales. Se trata, em síntese, de uma manipulação da informação segundo os próprios interesses e a posição de classe”.¹⁴ (LÓPEZ, 2006:41) O estudo entende a manipulação como a coerção simbólica que sujeita a derivação do sentido, que delimita as possibilidades de interpretação enquanto há uma grande desigualdade de poder no processo de comunicação.

Apesar de não ser seu objetivo, o relatório toca em outro ponto que interessa muito ao nosso roteiro, qual seja a contra-representação que o governo Morales busca fazer de si próprio, em resposta às investidas dos veículos privados. Diz o relatório:

(...) quando Evo Morales já era presidente, a Agência Boliviana de Informação (ABI) denunciava que o mandatário era "vítima de alguns meios de comunicação" privados de alcance nacional. A campanha "antievo" – nas palavras da ABI – começou logo após o anúncio de duas medidas vertebrais do programa governamental: a nacionalização dos hidrocarbonetos e a redistribuição da terra.¹⁵ (LÓPEZ, 2006:11)

É uma constante encontrar, seja nos artigos pró-governo, seja nos discursos do próprio Evo Morales, alertas para uma campanha de deliberada e truculenta detração de

¹³ Versão original: “En el caso de *La Razón*, el tema de la Nacionalización de los hidrocarburos, en el marco de los nuevos contratos petroleros, adquirió una cobertura destacada -en detrimento de las otras referencias temáticas- y un claro posicionamiento a favor de las compañías transnacionales”.

¹⁴ Versão original: “Es decir, se apropiaron de las voces de la oposición para hacer las críticas a la gestión de Morales. Se trata, en síntesis, de la manipulación de la información según los propios intereses y la posición de clase”.

¹⁵ Versão original: “(...) cuando Evo Morales ya era presidente, la Agencia Boliviana de Información (ABI) denunciaba que el mandatario era “vítima de algunos medios de comunicación” privados de alcance nacional. La campaña “antievo”-en palabras de ABI- arreció luego del anuncio de dos medidas vertebrales del programa gubernamental: la nacionalización de los hidrocarburos y la redistribución de la tierra”.

que são vítimas o governo e o presidente. Por tabela, tanto os propósitos socialistas quanto a própria origem étnica indígena de Morales são instrumentos de conexão direta a uma forte blindagem para a imagem do presidente boliviano: nomeadamente, os movimentos sociais. Nos ajuda a compreender este aspecto e chegar a tal conclusão o documentário *Yallalla Bolivia!*, do cineasta argentino radicado na Bahia, Carlos Pronzato. No filme, Pronzato dá ênfase aos discursos de Morales e seus correligionários logo após as eleições de dezembro de 2005. As cenas, para além da retórica de apelo popular usada por Morales, mostram claramente que ele tem forte apoio das classes mais pobres e de setores organizados da sociedade civil.

Deste modo, devemos observar que, se, por um lado, o governo Morales é alvo de uma série de severos ataques diretamente interessados em macular sua imagem (por determinação ideológica ou econômica, que seja), por outro, tem nos interesses dos movimentos sociais uma espécie de escudo natural. Parte da imprensa (boliviana e internacional) e dos analistas caracterizam tal fenômeno como "populismo de esquerda". Mas há quem enxergue no contexto boliviano mostras de um novo modelo de exercício do poder político, o chamado "poder obediente", cunhado pelos zapatistas mexicanos e apropriado por Morales.

É, portanto, sobre esta dúvida de fundo analítico que se assenta o objetivo do nosso web-documentário: ver de perto e compreender melhor – através da relação entre as representações midiáticas do governo e a sociedade boliviana – um dos mais efervescentes cenários sócio-políticos deste início de milênio na América Latina.

5. ROTEIRO PARA WEB-DOCUMENTÁRIO

A falta de uma tradição no desenvolvimento de web-documentários, causada pela recente aparição do gênero no cenário comunicacional, impõe, logo a princípio, uma limitação no número de trabalhos acadêmicos e teóricos em torno da discussão do formato e suas potencialidades. Limitados numericamente sim, mas não inexistentes. Monografias de graduação e artigos de grupos de pesquisa são desenvolvidos com frequência, principalmente no sentido de conceituar e definir o que é realmente um web-documentário e como ele pode ser configurado com objetivo de cumprir suas atribuições lúdicas e informativas da melhor maneira possível. Nestes trabalhos, normalmente define-se o formato e avalia-se o uso, mas quando se trata de uma bibliografia a respeito da elaboração de roteiros que darão origem ao produto, as referências se tornam realmente inexistentes.

Quando se analisa o web-documentário, constata-se sua configuração híbrida, causada pela confluência do formato audiovisual – designado pela palavra “documentário” – com a linguagem digital de internet – compreendida pela palavra “web”. Numa resposta rápida, a ser desenvolvida com mais profundidade a seguir, roteirizar é descrever, o mais detalhadamente possível, a obra que vai ser realizada (Feldman, 2005). A partir de tal constatação, podemos definir como roteiro de web-documentário a junção de um roteiro para vídeo documentário (dando conta da elaboração das peças audiovisuais), com as pautas jornalísticas a serem desenvolvidas em reportagens, artigos, ensaios fotográficos e pequenos vídeos.

Desta forma, recorreremos à bibliografia capaz de elucidar quais os melhores caminhos a se tomar no desenvolvimento de roteiros para vídeos documentários e na formatação de pautas jornalísticas. Esse foi a estratégia para confluirmos os conceitos do audiovisual e do jornalístico no sentido de dar conta da hibridez do web-documentário entre o formato fílmico e digital.

Roteiro para documentário

Descrever, com o maior número possível de detalhes, a obra a ser realizada. Assim pudemos dar a resposta mais simples para a pergunta do que é um roteiro para um filme. A resposta curta introduz o conceito de um produto que serve como esboço

para o desenvolvimento de uma linha narrativa numa produção audiovisual. Essa é a função básica de um roteiro: um documento capaz de nortear o realizador no momento das filmagens; o diretor de imagem no posicionamento da câmera; o produtor na elaboração de um plano de trabalho coerente; e por aí vai, sempre servido como base para a preparação de todos os profissionais envolvidos em todas as etapas de produção de um filme. Apesar do roteiro ser um texto escrito, seus valores não devem ser literários, mas sim descritivos, de forma a organizar uma previsão relativamente próxima do que vai existir mais tarde.

Um roteiro ganha formatação mais definida quando se trata de uma ficção, onde a história é criada e montada com base na imaginação e criatividade. No entanto, quando o assunto é o roteiro de um documentário, como prever as coisas a serem filmadas? O problema torna-se mais complexo quando a estratégia de abordagem do filme é retratar fatos que não se repetem e ocorrem apenas no desenvolvimento natural da vida, a exemplo de cerimônias folclóricas ou manifestações sociais. Certamente, com fatos impossíveis de serem antevistos, o roteiro, em tal formato, perde em riqueza de detalhes. Por isso, é fundamental se basear na profunda descrição do previsível para não ser surpreendido com o que não se pode prever, como indica Michel Rabiger, numa conferência do Festival É Tudo Verdade, transcrita no livro **O Cinema do Real**:

As pessoas dizem: “Como eu posso escrever uma proposta sobre algo que ainda não aconteceu”? Isso é verdade, mas a vida é feita do previsível e do imprevisível. Há coisas que podemos prever numa situação, e coisas que não podemos. Temos de escrever sobre as coisas que podemos prever, porque essas são com frequência as que queremos filmar. Quando se sabe o que deve ser filmado, para assegurar o registro de todos os aspectos essenciais, então, abre-se espaço também para o imprevisível. (RABIGER, 2005:59)

Resolvida a primeira dificuldade de saber sobre o que escrever, surge a dúvida de qual formato dar ao roteiro. Novamente, no caso de um roteiro de ficção a quantidade de detalhes pode ser tão grande que alguns escritores/diretores asseguram que com o roteiro pronto, o filme já está feito, basta filmá-lo. Os diálogos num roteiro de ficção já são definidos, assim como a posição da câmera, o enquadramento da imagem, o tipo de som a ser captado, enfim, praticamente todo o escopo bem elaborado e transcrito. Mas num documentário, por onde começar? Simón Feldman, em **Guión argumental. Guión documental**, esclarece que não existe uma forma definida para se escrever um roteiro de documentário, exatamente pela incapacidade de se prever o que

vai acontecer. Porém, ele indica quais são os principais objetivos a se cumprir para a elaboração de um plano de trabalho adequando.

O primeiro objetivo é pontuar claramente a finalidade do filme e seu público-alvo, definindo o que se quer dizer e a quem se dirige. Aqui deve-se ter segurança de qual é ponto de partida e o ponto de chegada do roteiro, sendo que no caso de documentários é obrigatório deixar uma margem considerável ao fortuito. Saber onde pretende chegar e de onde pretende começar é fundamental para decidir sobre o melhor trajeto a percorrer. Quando se tem em mãos a incerteza do que irá acontecer, é imprescindível definir qual o seu objetivo básico com a produção. Seria, nas palavras de Simón Feldman, definir um “super-objetivo”:

Talvez nos ajude a orientar a comparação entre a escritura de um roteiro e uma caminhada exploratória em terreno pouco conhecido: sabemos de onde partimos e até onde queremos nos dirigir, mas ignoramos as dificuldades que podemos encontrar no caminho se nosso objetivo é, por exemplo, estabelecer o traçado da rota.

Do mesmo modo que, ao desenvolver um conflito em um roteiro, temos ali um objetivo – ou super-objetivo – que é chegar a alguma parte, e temos uma motivação: queremos chegar ali, estes dois extremos permitem traçar uma linha que nos unirá, mas, ao mesmo tempo, nos permitirá também uma análise sobre o fundamento da escolha de um e outro ponto do trajeto.¹⁶ (FELDMAN, 2005:57)

Vale ressaltar aqui a importância de se ter a noção de que não se faz um filme interessante com “incidentes atrativos”, como frisa Feldman. Qualquer narração ganha conotação dramática quando centra sua atenção na configuração interior de um conflito básico. Este conflito, continua Feldman, está definido no super-objetivo da obra, onde se encontra qual seu propósito primordial. A partir dele será mais fácil seguir uma lógica narrativa sem sair do eixo central e com menos risco de se enveredar por caminhos periféricos.

¹⁶ Versão original: “Tal vez nos ayude a orientarnos al comparar la escritura de un guión con una caminata exploratoria en terreno poco conocido: sabemos desde dónde partimos y hacia adónde queremos dirigirnos, pero ignoramos las dificultades que podemos encontrar en el camino si nuestro objetivo es, por ejemplo establecer el trazado de una ruta.

Del mismo modo que al desarrollar un conflicto en un guión tenemos allí un objetivo – o super-objetivo – que es llegar a alguna parte, y tenemos una motivación: *queremos* llegar allí, estos dos extremos permitirán trazar una línea que los unirá pêro, al mismo tiempo, nos permitirá también un análisis sobre lo bien fundado de la elección de uno u otro punto del trayecto”.

Conforme o roteiro para o web-documentário realizado em consonância com este memorial, o super-objetivo do produto roteirizado será mapear o cenário de representações construído pela grande imprensa boliviana acerca das principais propostas e ações políticas do governo Evo Morales¹⁷. A partir deste panorama será apresentada uma investigação sobre como os setores sociais representados se apropriam e se relacionam com tais representações.

Com o super-objetivo definido deve-se escolher as estratégias de abordagem do tema e, para isso, é fundamental se basear no público-alvo do filme. Por exemplo, se for realizar um documentário sobre física quântica, deve-se usar uma linguagem mais técnica e rebuscada em caso de se dirigir fundamentalmente a analistas. No entanto, se o alvo for o público médio, a opção por uma linguagem técnica certamente levará à incompreensão e ao aborrecimento do espectador¹⁸.

O segundo passo da montagem de um roteiro para documentário proposto por Feldman é descrever detalhadamente todas as ações e elementos previsíveis, dando conta de como se pretende percorrer o caminho até se chegar ao objetivo principal. É a etapa de propor um preenchimento do caminho a ser traçado entre o início e o fim. Aqui a pesquisa prévia se torna fundamental para ter a noção exata do que se pode estabelecer como previsível e de como se preparar para o imprevisto. Feldman aconselha ainda a descrição, ainda que suposta, das cenas imprevisíveis, deixando claro o local onde pode se encaixar na estrutura geral¹⁹.

O quarto e último passo é a definição exata do roteiro, com todos os seus detalhes e descrição de todas as cenas e falas. No entanto, tal objetivo só pode ser cumprido quando o último plano é montando no filme, na mesa de edição, e ele ganha sua formatação final. Só assim um roteiro de um documentário estará completo.

Etapas narrativas

Com as bases para a formatação do esqueleto do roteiro bem definidas, parte-se para as definições de como se estruturar uma narrativa fílmica²⁰. A partir de sua experiência pedagógica e profissional, Feldman elegeu um método de ordenamento das

¹⁷ Como descrevemos na página 4 do roteiro, no tópico “Que movimento é esse?”

¹⁸ Os tópicos “Estratégia de abordagem”, na página 6, e “Público-alvo”, na página 8 do roteiro do web-documentário, procuram dar conta destas questões, conforme orienta Feldman.

¹⁹ Procuramos seguir esta orientação no tópico “Roteiro do vídeo”, que começa na página 9 do roteiro.

²⁰ Ver tópico “Esqueleto”, na página 9 do roteiro.

distintas etapas de uma narrativa, o qual nos serviu como modelo para a elaboração de nosso roteiro fílmico e para a definição de como se apresentar nossa história. É importante lembrar que os atores sociais, assim como os personagens de uma ficção, tem um objetivo a cumprir na história, e que esse objetivo tem uma motivação. Ambos, objetivo e motivação, estabelecem a conduta de cada ator social, o que deve estar claro no filme. (FELDMAN, 2005)

A primeira etapa de uma história a ser contada através de meio audiovisual é a “introdução expositiva”, onde se abre a narração enunciando os elementos do conflito a desenvolver-se ao longo da história²¹. Aqui demonstra-se quem quer o quê no roteiro e quem se opõe a isso, oferecendo ao espectador o primeiro contato com os principais atores sociais da história. Ao passo que ocorre a apresentação do conflito básico, é feita a caracterização de cada um dos atores sociais da narrativa, como forma do espectador conhecê-los e se prepararem para a história a se desenrolar. Desta forma, introduz-se ao espectador o clima do filme, “já que o começo deve saca-lo de seu estado de ânimo prévio para submergi-lo emocionalmente em uma realidade diferente”²². (FELDMAN, 2005)

A segunda etapa da narrativa fílmica é o desenvolvimento e articulação do conflito. É quando se descreve a evolução das ações dos protagonistas na busca de seus objetivos²³. Esta parte deve conter as alternâncias das condutas dos atores sociais e a descrição progressiva dos fatos centrais explorados na história. O conflito introduzido na primeira parte ganha detalhamento, mostra-se com mais profundidade como ele se estabelece e quais as condutas de cada ator social. É o momento de dar consistência ao conflito, sempre recorrendo a um aquecimento contínuo da trama para obter um crescimento progressivo de interesse.

A terceira etapa proposta do Feldman é o momento em que se define a história, onde culmina todo o conflito apresentado na primeira etapa e desenvolvido na segunda. É onde se define se os atores sociais tiveram êxito, fracassam ou até mesmo redefiniram seus objetivos. A máxima tensão dramática deve ser registrada nessa parte, onde se conclui todas as etapas desenvolvidas anteriormente²⁴.

²¹ Ver tópico “Abertura”, na página 12 do roteiro.

²² Versão original: “(...) ya que el comienzo debe sacarlo de su estado de ánimo previo para sumergirlo emocionalmente en una realidad diferente”.

²³ Ver tópico “Desenvolvimento do conflito”, entre as páginas 14 e 29 do roteiro.

²⁴ Ver tópico “Culminância do conflito”, entre as páginas 30 e 38 do roteiro.

A quarta etapa é onde se estabelece a nova relação criada entre os atores sociais depois do desfecho do conflito. A parte mais breve da história, quando o espectador respira e se reconstitui da carga dramática imposta na parte anterior²⁵.

A terceira e a quarta etapas narrativas são as mais difíceis de se elaborar num roteiro de documentário, por exigirem índices de previsão maiores que as duas primeiras. Uma pesquisa profunda e bem feita é suficiente para definir um conflito entre atores sociais e caracteriza-los com elementos suficientes para mostrar quem são. A partir daí, se estabelece o conflito e pode-se prever onde os atores sociais divergem em seus objetivos e condutas. No entanto, prever onde o conflito desagua exige um aprofundado exercício de análise do que ainda está por vir e no que o por vir vai resultar.

Pautas jornalísticas

À exemplo de um roteiro em relação aos filmes, a pauta é o documento responsável por planejar e prever a produção jornalística, indicando resumidamente qual o objetivo da matéria que será construída. Na pauta consta uma espécie de roteiro a ser seguido pelo executor da reportagem, indicando qual enfoque deve ser dado ao assunto retratado. Pode ser definida como um instrumento de orientação do jornalista na cobertura dos fatos e o ajuda a manter o foco no assunto abordado, evitando o desvio de sua atenção para assuntos periféricos e pouco importantes no tratamento da informação.

A pauta é a principal ferramenta de planejamento de qualquer veículo de comunicação. Até nos jornais diários impressos e mesmo digitais – onde a informação deve ser compilada em apenas um dia, no caso primeiro, ou em algumas horas, no caso do segundo –, a pauta cumpre papel importante. Quando se fala de publicações com tempo mais extenso para a execução da cobertura, como revistas semanais ou publicações mensais, a pauta assume função indispensável e seu nível de detalhes deve ser ainda maior, pois a informação deve ser tratada com maior profundidade.

Em caso de grandes reportagens, onde um assunto é tratado pelas mais variadas óticas (política, econômica, social), as pautas já estabelecem o esqueleto do produto final e oferecem as bases para uma elaboração internamente coerente com as pretensões iniciais. Este seria o caso de parte de um roteiro de web-documentário, quando se busca,

²⁵ Ver tópico “Desfecho”, na página 39 do roteiro.

normalmente, fazer uma espécie de livro multimídia sobre determinado assunto. Todas as pautas, portanto, convergem para um mesmo tema e precisam dialogar entre si. Para isso, é fundamental a elaboração de uma estratégia de cobertura onde os pontos se toquem, a dar sentido de unidade ao produto final.

Nilson Lage, em **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**, esclarece que a denominação de pauta se aplica a duas coisas distintas:

- a) ao planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editoriais – de cidade, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.
- b) a cada um dos itens desse planejamento, quando distribuído a um repórter. Ele dirá “a minha pauta”, quer a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto. (LAGE, 2002:34)

Alguns elementos são primordiais para a elaboração de uma pauta completa, indica Lage. O mais básico é explicitar o assunto da reportagem, indicando qual o fato gerador de interesses em torno dele. O contexto e a natureza da matéria (se narrativa, expositiva etc) também não podem faltar, assim como a definição precisa do que se espera em termos de aproveitamento. A linha editorial a seguir deve estar definida na pauta, sob pena do repórter imprimir uma visão particular. É importante conter no documento indicações de elementos mais técnicos, como tamanho da reportagem, recursos disponíveis para sua elaboração e exigência de credenciais para acesso a algum lugar restrito. Uma pauta com esses elementos é suficiente para o jornalista ter um excelente ponto de partida e desenvolver sua reportagem com alto grau de eficiência.

Com um conjunto de pautas jornalísticas definidas²⁶, contendo os elementos acima indicados, e um roteiro videográfico estruturado, seguindo as bases também expostas neste capítulo, é possível contar com um planejamento ideal para guiar a realização de um web-documentário completo e em acordo com todos os conceitos do formato. Cumpre-se inteiramente a proposta do modelo de web-documentário, híbrido entre duas linguagens tradicionalmente separadas (fílmica e digital de web), mas aqui unidas num produto oferecido na rede mundial de computadores.

²⁶ Conforme procuramos fazer no tópico “Pautas Multimídia”, entre as páginas 42 e 60 do roteiro.

6. CONCLUSÃO

O casamento entre as características da web e as do documentário reforça, portanto, a aposta no web-documentário como formato mais adequado para o desenvolvimento de tal projeto experimental. Os argumentos expostos nos levam a crer que tanto os limitados recursos de produção quanto às circunstâncias que a realidade boliviana oferecerá serão exploradas ao máximo e no melhor de suas possibilidades.

Do ponto de vista jornalístico, o web-documentário acolhe e potencializa nossas inquietações em relação às condições de produção da notícia, observado o atual contexto mercadológico. O caráter abertamente independente do trabalho nos possibilita pensar e produzir material informativo desvinculado da prioridade comercial, carro-chefe do jornalismo empresarial feito pela grande imprensa. Nos detemos na independência para produzir jornalismo parcimonioso, instigante e preciso, como forma de marcar posição no contexto do fazer prático do campo jornalístico e audiovisual.

Um questionamento que se põe é quanto à viabilidade e ao custeio de tal trabalho: já que não tem finalidade comercial, como o produto vai ser manter? Em outras palavras: como realizar um produto tão audacioso sem uma estrutura profissional? Justamente este é o desafio que o web-documentário nos ajuda a enfrentar. A aposta é submeter as condições técnicas (hoje cada vez mais acessíveis, dado o barateamento do acesso à tecnologia) ao nosso interesse social, realizando, assim, um produto de qualidade tão profissional quanto os que já produzimos nos postos que ocupamos em grandes veículos de comunicação²⁷.

Ainda nesta linha de raciocínio, uma questão ainda mais capciosa: mesmo sendo barato, quem vai pagar? A idéia é que produtos como este possam conseguir patrocínios e apoios institucionais. Mas não deve ser demérito algum a eventual necessidade de financiamento com recursos próprios e/ou economias provenientes de outros trabalhos. Importante é que seja realizado com independência e profissionalismo.

Sendo assim, vale dar destaque a outra audaciosa, embora essencial, intenção deste web-documentário: a de ajudar a criar e incentivar novos hábitos, interesses e possibilidades da prática jornalística e audiovisual, tanto com o propósito de oxigenar o

²⁷ Referencia à experiência de reportagem nos formatos impresso e online, adquirida em estágios curriculares. Rocha trabalhou por um ano e meio no portal A Tarde Online e por seis meses na editoria de esportes do jornal Correio da Bahia. Já Sangiovanni trabalhou por sete meses nos cadernos Dez! e Vestibular de A Tarde, e no site Vestibular do portal A Tarde Online.

modus facendi propugnado pela grande imprensa, quanto – e sobremaneira – de despertar nos profissionais das áreas a crença em suas idéias e sonhos, além da capacidade de empreender e realizar produções independentes de qualidade.

Do ponto de vista profissional, sabemos estar diante de uma proposta auspiciosa. Mas tanto nossa trajetória acadêmica quanto nossa experiência no mercado de trabalho nos fazem crer que não resta outro caminho senão arriscar. O web-documentário figura como possibilidade de realização não só de anseios profissionais mas também de transformação social.

Algo que ratifica esta ideia é a crescente importância que vêm assumindo, nos últimos dez anos, os conteúdos disponibilizados e/ou produzidos exclusivamente para a internet. Não se trata de vaticinar o fim do jornal impresso, que seria substituído pelo online, mas de observar a consolidação do formato digital e o papel que vem ocupando enquanto fonte preferencial de informação, sobretudo do público mais jovem.

É a aposta também em um formato inovador, quando se refere ao tratamento da informação. Numa era de tamanhas transformações impostas pelas tendências do digital e global, uma ferramenta como o web-documentário se torna essencial tanto para os profissionais engajados socialmente e independentes, quanto para os grandes veículos de comunicação. É um produto com alto potencial de ocupar espaços multifacetados e contar com espectro variado, desde os blogs pessoais até os grandes portais de internet. Pode ser pensado também como excelente ferramenta pedagógica, tomando formas de uma pequena enciclopédia multimídia.

Portanto, expusemos neste memorial as bases para o desenvolvimento de um roteiro para web-documentário, a ser posto em prática e desenvolvido em viagem à Bolívia, programada para o final de julho deste 2007. Vamos criar um produto de acesso gratuito, disponível na rede, com o objetivo de explorar a possibilidade de despertar no público a curiosidade, a compreensão e a atenção às complexas transformações sócio-políticas por que passa a Bolívia, enquanto exemplo representativos dos novos caminhos que devem ser tomados pela América Latina. E contribuir também para que os brasileiros – através da identificação e sensibilização com o contexto apresentado – progressivamente sintam-se parte de uma mesma identidade latino-americana.

7. REFERÊNCIAS

Bibliografia Citada

Editorial El Diario, **Sembrando vientos para cosechar tempestades**, publicado em 28/11/2006. Disponível em http://www.eldiario.net/noticias/nt061128/Oi_edt.html. Acesso em 28/11/2006.

FELDMAN, Simón. **Guión argumental. Guión documental**. Barcelona: Gedisa (5ª ed.), 2005.

LEIGUE, Antonio Peredo. **Un Pueblo en Marcha**. Disponível em <http://www.bolpress.com/art.php?Cod=2006112736&PHPSESSID=0a5649cf652ebec03fe68dac5d026a22>. Acesso em 27/11/2006.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record (2ª ed.), 2002.

LINERA, Álvaro Garcia. **Bolívia**, In: SADER, Emir e JINKINGS, Ivana (orgs.) *Enciclopédia da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Editora Boitempo, 2006

_____. **Evo Morales**, In: SADER, Emir e JINKINGS, Ivana (orgs.) *Enciclopédia da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Editora Boitempo, 2006

_____. **MAS**, In: SADER, Emir e JINKINGS, Ivana (orgs.) *Enciclopédia da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Editora Boitempo, 2006

LÓPEZ, Fernando (coord.). **La gestión de Evo Morales en la prensa boliviana**. Observatorio de Medios de la Agencia Periodística del Mercosur. Universidad de La Plata, 2006. Disponível em <http://www.prensamericosur.com.ar/observatorio/>. Acesso em 02/03/07.

MACDOUGALL, David. **When Less is Less – The Long Take in Documentary**, In

HENDERSON, Brian and MARTIN, Ann (orgs.), *Film quarterly. Forty Years – A Selection*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1999, pp. 290-307.

NICHOLLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: 1ª edição, Ed. Papirus, 2005.

OURIQUES, Nildo. **As grandes decisões caem nas mãos das grandes maiorias**. Entrevista à revista *Caros Amigos*, Edição 119, fevereiro de 2007.

PALACIOS, Marcos. **Mundo Digital**. In: RUBIM, Albino (org) *Cultura e Atualidade no Vestibular*, Salvador: EDFUBA, 2005.

_____. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória**. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), *Modelos do Jornalismo Digital*, Salvador: Editora Calandra, 2003.

STEFANONI, Pablo. **El nacionalismo indígena en el poder**. Publicação da OSAL, Observatório Social da América Latina, número 19. CLACSO, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, Buenos Aires: julho de 2006.

WINSTON, Brian. **A tradição do ‘jornalístico’ na era digital**, In: MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Emir (orgs.) *O Cinema do Real*. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2005

Bibliografia Consultada

ANDERSON, John Lee. **Che Guevara – Uma Biografia**. Rio de Janeiro: 4ª edição, ed. Objetiva, 1997.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: 2ª edição, Ed. Unesp, 2001.

FRÍAS, Hugo Chávez. **The Facist Coup Against Venezuela**. Havana: Ediciones Plaza, 2003.

GOMES, Wilson. **Transformações da Política na Era das Comunicações de Massa**. São Paulo: 1ª edição, Paulus Editora, 2004.

GUZMÁN, Patrício. **El guión en el cine documental**, In; *Revista Viridiana*, nº 17, setembro, 1997.

LEITÃO, Miriam. **Mais um líder**. Comentário no Jornal Bom Dia Brasil, da TV Globo em 04/12/2006. Disponível em <http://bomdiabrasil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,AA1373739-3682-594865,00.html>. Acesso em 04/12/2006.

_____. **Chávez, um novo caudilho**. Comentário no Jornal Bom Dia Brasil, da TV Globo em 05/12/2006. Disponível em <http://bomdiabrasil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,AA1375279-3682-595654,00.html>. Acesso em 05/12/2006.

LINS, Consuelo, **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LÓPEZ, Fernando (coord.). **La gestión de Evo Morales en la prensa boliviana**. Observatorio de Medios de la Agencia Periodística del Mercosur. Universidad de La Plata, 2006. Disponível em <http://www.prensamerocosur.com.ar/observatorio/>. Acesso em 02/03/07.

LOWY, Michael (org.). **O Marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: 2ª impressão atualizada, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

MACHADO, Irene. **Linguagem e militância: o cine-documentário de Dziga Vertov**, In: *Revista Olhar*, ano 3, nº 5-6, 2001, pp. 13-23.

MARINGONI, Gilberto. **A Venezuela que se inventa – Poder, intriga e petróleo nos tempos de Chávez**. São Paulo: 1ª edição, Ed. Perseu Abramo, 2004.

_____. **Após 12 eleições, para onde vai a América Latina?** Disponível em http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=13030. Acesso em 06/12/2006.

MARCEL, Martin. **A Linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MOUESCA, Jacqueline. **Patricio Guzmán: el cine de Allende**, In: *Plano Secuencia de la Memoria de Chile*. Santiago: 1ª edição, Ediciones del Litoral, 1988.

RABIGER, Michael. **Uma conversa com professores e alunos sobre a realização de documentários**. In: Mourão, Maria Dora & Labaki, Amir (orgs.), *O Cinema do Real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SACRINI, Marcelo, **Perspectivas do gênero documentário pela apropriação de elementos de linguagem da tv digital interativa**. Disponível em (<http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=22&article=7&mode=pdf>). Acesso em 27/11/2006.

STELLING, Maria (coord.). Elecciones presidenciales em Bolívia 2005. Observatorio de Medios de Comunicación Social da Asociación Latinoamericana para la Comunicación Social (Comunican), 2006. Disponível em <http://www.prensamericosur.com.ar/observatorio/>. Acesso em 02/03/2007.

Referencias Multimídia

BORGES, Clarissa. **Rio Vermelho – De Caramuru aos dias atuais**, web-documentário (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2006. Acessível em www.joseluispimenta.com.br/riovermelho.

COUTINHO, Eduardo. **Edifício Master**, documentário, Brasil: 2002.

GUZMÁN, Patricio. **La Batalla de Chile – partes I, II e III**, documentário, Chile: 1973/76/79.

O BRIAIN, Donnacha e BARTLEY , Kim. **A Revolução Não Será Televisada (The Revolution Will Not Be Televised)**, documentário, Irlanda: 2003.

PRONZATO, Carlos. **Yallalla Bolívia!**, documentário, Bolívia: 2006.

RIBAS, Beatriz. **Maracangalha.com – Um web documentário sobre uma vila do recôncavo baiano**. Salvador, 2002, 34f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2002. Acessível em www.maracangalha.com .

SOLANAS, Fernando E. **La dignidad de los Nadies**, documentário, Argentina: 2006.

VERTOV, Dziga, **Three Songs About Lenin**, documentário, URSS: 1934.

VERTOV, Dziga. **Kino Eye**, documentário, URSS: 1924.

VERTOV, Dziga. **The man with the Camera**, documentário, URSS: 1929.